

Brasil vai reiniciar o diálogo

✓ O secretário de Imprensa da presidência da República, Frota Neto, revelou ontem que «o governo está se preparando para reiniciar o diálogo com os banqueiros credores», mas, salientou que «não existe ainda um calendário, com datas fixas, indicando a retomada e o encaminhamento das negociações».

Explicou que as condições internas que obrigaram o governo a decidir pela moratória ainda persistem, e que as autoridades econômicas não têm também definido o quadro prospectivo do retorno à prática de uma economia estável, que fornecerá as condições básicas do diálogo com os bancos internacionais.

Por essa razão, paralelamente à preparação do projeto que vai indicar os caminhos para a negociação da dívida externa, o Ministério da Fazenda está obrigado a elaborar um Plano de Consistência Macro-Econômico, voltado para a retomada do controle da economia internamente, que seja, ao mesmo tempo, capaz de sustentar a posição brasileira nos entendimentos com os credores.

Posição Tranquila

Disse Frota Neto que o governo brasileiro não está preocupado com as manifestações de um ou outro banco. Citibank, maior credor do Brasil, aumentou suas reservas em mais US\$ 3 bilhões para cobrir a inadimplência de alguns devedores, entre os quais o Brasil, e ameaça os mal pagadores com ação judicial.

No entender do secretário de Imprensa, o clima para o Brasil hoje está bem mais favorável que aqueles que seguiram ao da moratória, decretada pelo presidente Sarney no dia 20 de fevereiro último.

Ao final desses 90 dias, o quadro político, segundo Frota, é o seguinte: 1) Banqueiros estão otimistas com a ascensão e as declarações do novo ministro da

Fazenda, Bresser Pereira; 2) o presidente Sarney conseguiu definir o seu espaço político; 3) o Banco Mundial continua a estudar linhas de crédito para uma série de projetos brasileiros; 4) O governo está atento a política combinal, para evitar problemas com as exportações; 5) A Comissão de Valores Mobiliários estuda um projeto, transformando parte da dívida em investimento interno; 6) e, finalmente, a missão do Fundo Monetário Internacional está disposta a adiar o relatório sobre a economia brasileira por cerca de um mês.

Fase mais crítica

O Problema mais grave, entretanto, e sobre o qual o secretário de Imprensa evita falar, são os créditos de curto prazo, concedidos pelos bancos estrangeiros para financiar as exportações (e importações brasileiras) bem como as operações interbancárias, realizadas por bancos nacionais no exterior.

Há uma forte disposição dos bancos credores que ainda operam com essas linhas de reduzir sua participação nesses créditos. E a manifestação vem de instituições bancárias européias que, até então, vinham mantendo uma posição discreta em relação ao endividamento e a moratória brasileira.

Os credores tradicionais como o Citibank, Band of América, Manufacturers Trust, e outros já estão se considerando particamente fora do programa comercial brasileiro. E o Brasil já não dispõe de reservas em condições de sustentar por longo tempo essa fuga dos financiamentos.

Por essa razão, há uma crença — não confessa — de que, no máximo em trinta dias o Brasil retorna às mesas de negociação com os credores. O ministro Bresser Pereira prometeu à Missão do FMI o Plano Macro-Econômico para os próximos 20 dias. Se não o fizer, o Brasil corre o risco de perder também o crédito dos bancos comerciais oficiais.